

Zuzu Angel: o poder da moda contra a opressão

Priscila Andrade¹

As noções estabelecidas a respeito da designer de moda Zuzu Angel e sua produção foram moldadas ao longo de sua carreira por diversos enunciados formulados pela imprensa, por seus próprios depoimentos e *press releases* de suas coleções. Certos significados que, naquele momento, foram atribuídos à sua produção são vistos ainda hoje como suas características principais, tendo sido igualmente mencionados em entrevistas realizadas para esta pesquisa. A partir da análise destas variadas fontes identificamos que sua produção é principalmente caracterizada como: genuinamente brasileira, feminina, prática e política.

A intenção deste artigo é analisar a coleção política de Zuzu a partir da dimensão simbólica nas peças selecionadas. Dessa forma, pretendemos identificar quais seriam os aspectos formais que remetem aos valores atribuídos a esta produção. Nesse momento é preciso esclarecer que entendemos que os valores simbólicos são condicionados historicamente. Os significados não são essenciais ou universais, pelo contrário, são consideravelmente arbitrários. O caráter efêmero das características dos itens de moda os diferencia de outros tipos de vestuário que mais se definem pela permanência, tais como trajes religiosos, monárquicos ou etnográficos, cujas mudanças são quase imperceptíveis, pois se processam em períodos extremamente longos, uma vez que promovem a manutenção da tradição. Logo, uma peça só pode ser definida como um item de moda a partir do levantamento do contexto em que foi produzido, usado e divulgado e por conseqüência é nesse percurso que podemos tentar encontrar seu significado histórico concreto.

Na análise de itens de vestuário, o significado não se localiza apenas na roupa propriamente dita. Toda peça possui, além de um valor mercantil - que pode ser influenciado por fatores como características formais da peça, técnicas de produção e custo do material empregado - um valor simbólico - que pode ser conferido a partir de fatores como a raridade da peça, uma assinatura ou *griffe*,

¹ Priscila Andrade é Mestre em Design pela PUC-Rio e professora no Curso de Bacharelado em Design de Moda do Senai-Cetiqt.

a notoriedade do usuário e o laudo de um perito - que também influi sobre o valor mercantil. Estes significados ou valores são gerados pela sociedade e mais especificamente pelo campo da moda, que, dessa forma, fabrica para cada produto material um produto simbólico correspondente. Por isso, colaboram para os valores estabelecidos sobre tais itens as características formais relativas ao tema, modelo, técnica e materiais empregados, e também aspectos mais abstratos relacionados com a autoria, o tipo de consumidor, a divulgação e a raridade das peças.

A dimensão simbólica na obra de Zuzu Angel são, portanto, as convenções estabelecidas sobre a sua produção. É isto que pretendemos investigar neste momento. Além disso, tendo em vista a repercussão positiva que seu trabalho recebeu tanto no Brasil quanto no exterior e a preservação da imagem estabelecida em torno do seu nome ainda hoje, após três décadas da sua morte, caberia perguntar se ela teria desenvolvido um estilo próprio, ou seja, se podemos falar em um estilo Zuzu Angel. Lembrando que quando falamos em linguagem própria ou autoral, é preciso considerar que toda a produção é coletiva. Pois se a produção de moda está localizada, e é afetada pelas estruturas sociais, e se o designer de moda tem sua formação também localizada nessas estruturas, então se conclui que *“a atividade prática e a criatividade estão em relação mútua de interdependência com as estruturas sociais.”*² O novo, o singular, se dá nessa relação dialética entre autor e estrutura. Por estas razões, buscamos também levantar e refletir sobre as influências que a ajudaram na constituição de um estilo, bem como as referências que serviram de inspiração.

No início dos anos setenta, o filho mais velho de Zuzu Angel, Stuart Angel Jones, foi preso e assassinado por forças obscurantistas do governo militar. Este incidente levou a designer de moda consagrada a usar seu trabalho como forma de expressão contra a violência cometida pelo governo ditatorial, até ser vítima de um acidente de automóvel forjado possivelmente pelas mesmas forças que mataram seu filho. Anos antes, em 1971, Zuzu Angel inaugurou esta batalha com o lançamento da coleção *International Dateline Collection III*, em Nova Iorque, que ficou conhecida como a primeira coleção de “moda política” da História. A coleção é composta por longos vestidos brancos, com

² WOLFF, Janet. *A produção social da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 23.

modelagem ampla e salpicados com diversos bordados multicoloridos. À primeira vista, estas roupas parecem ser muito alegres. Seus bordados são representações *naifs* inspiradas no universo infantil, nas brincadeiras de crianças, ou mais precisamente de meninos, que soltam pipa, sobem em árvore e também brincam com soldadinhos de chumbo, tanques e canhões. Mas é preciso analisar essa coleção como um sintoma do momento pessoal da designer como vítima da situação política brasileira por ela vivenciada. No desfile de lançamento, a designer usou um longo vestido preto, o rosto coberto com um véu, um cinto de pequenos crucifixos e um colar com um pingente de um anjo branco, indumentária que evocava seu sentimento de luto. Em contraste com a triste aparência da designer, os vestidos alvos ganham uma aparência ainda mais angelical.

Este período se caracterizou pela opressão imposta pelo regime militar. Embora o governo buscasse mascarar o tratamento hediondo conferido aos cidadãos considerados subversivos por meio da rígida censura imposta aos meios de comunicação, a sociedade “sabia” o que se passava nos porões da ditadura. A platéia convidada a assistir o lançamento tinha conhecimento sobre o momento de extremo sofrimento pelo qual Zuzu estava passando. Além disso, a própria designer classificou o desfile como a “*primeira coleção de moda política da história.*”³ É com base nestes dados que a interpretação dos vestidos deve ser feita.

Para que a coleção pudesse “passar” pela censura era preciso que a mensagem estivesse disfarçada, por isso o tratamento *naif* conferido aos bordados. Também por esta razão alguns desenhos talvez estivessem ali mais para reforçar a idéia de um universo infantil, como as árvores, flores, casas de campo com chaminé, passarinhos, tambores, que parecem não remeter claramente a um significado específico. Os bordados singelos lembram desenhos feitos por crianças, e alguns representam brincadeiras de menino que possivelmente divertiam Stuart naquela fase da vida.

Esta coleção foi a forma que Zuzu Angel encontrou para protestar contra o que havia acontecido com seu filho. Mas ela logo percebeu que aquela batalha era também em nome de outras mães. Ela passou a se dedicar a

³ *Designer's fashions make plea for her lost son.* The Montreal star, Wednesday, September, 15, 1971.

denunciar as mortes, torturas e desaparecimentos ocorridos durante o governo militar. Usou sua moda como instrumento de protesto, tornando-se porta-voz de outros que como ela sofriam com a violência e o silêncio impostos pela ditadura. Por esta razão, neste momento, a utilização de diversos anjinhos não deve ser entendida apenas como o símbolo da marca de Zuzu. A designer dizia que Stuart, quando criança, parecia um anjinho e que, portanto os desenhos representavam seu filho. Além disso, ela chamava de crianças os outros jovens que como seu filho foram vítimas do regime militar. Segundo a crença popular, quando uma criança morre, este ser inocente se transforma num anjo, um mensageiro de Deus, e inocentes seriam estas crianças em nome das quais a designer lutou. Talvez este seja mais um motivo para a presença crescente de representações de tantos anjos em suas roupas, a partir desta coleção.



Figura 1 - Dois modelos de vestidos da coleção “moda política”.

O regime militar era o responsável pelas crueldades denunciadas e, por isso, foram representadas as três forças armadas, através dos uniformes e quepes dos soldadinhos, e pelos aviões, tanques, jipes e navios. E, quem sabe, os tambores não seriam uma referência às bandas militares? O sol aparece atrás de grades ou quadrado, em referência à maneira popular de expressar a vida na prisão. A pomba, animal dócil que carrega o ramo de

oliveira, simboliza a paz e harmonia. Este símbolo tem origem numa passagem do Antigo Testamento, no livro do Gênesis, onde conta-se que ao fim de quarenta e sete dias encerrado na Arca, Noé soltou uma pomba que regressou com um ramo de oliveira no bico, o que mostrava que a água estava baixando e que tinham sido feitas as pazes com Deus.



Figura 2 – Exemplos de bordados empregados na coleção “moda política”.

A coleção mantém uma unidade formal com sua produção anterior, através do uso de cores alegres e do emprego de técnicas de bordado artesanal, ou mesmo pela forma ampla da modelagem das roupas que remete às batas usadas pelos *hippies*, referência observada anteriormente em outras características de seu trabalho. Entendemos que quanto mais individual for a inspiração de um tema, mais chances de o resultado produzido possuir características únicas e inovadoras. Por esta razão, talvez seja possível considerar a “moda política” mais criativa no sentido formal que a produção da fase anterior. A representação de sua dor particular conferiu um caráter inovador para estas criações. Notamos uma mudança projetual que difere do método aplicado para a criação das roupas conhecidas como “genuinamente brasileiras”. O embate com a realidade, quando toma conhecimento sobre o que se passou com o filho, e a presença da rígida censura acabaram fazendo com que Zuzu Angel introduzisse uma nova metodologia de projeto. Nesta coleção não existe uma ligação visual direta com um tema de inspiração. Não se trata de uma readaptação e aplicação de um repertório formal preexistente e sim de uma reflexão sobre um conceito mais profundo e talvez ainda mais brasileiro, porque se relaciona àquele momento de forma mais verdadeira e intensa. Neste sentido, poderíamos dizer que ela conseguiu captar o *street ware*, mas não da maneira como isso é normalmente entendido. Não como aconteceu, por exemplo, com a adaptação do punk às passarelas, que esvaziou o conceito original e transformou o objeto em “simples” mercadoria. Sua coleção de “moda política” captou um conceito e produziu reflexão.

Zuzu Angel pode ter sido a primeira a usar a moda para protestar contra a política e foi a única naquele momento, no Brasil, a usar este tipo de expressão com este objetivo. No entanto, outras formas de manifestação também demonstravam posição contrária à ditadura. Assim, a música, o teatro, as artes plásticas, a literatura e a imprensa desenvolviam mensagens em “códigos” numa tentativa de driblar a censura. A oposição sabia como decifrar o código. Depois do desfile na casa do cônsul do Brasil, em Nova York, em 1971, a esquerda, que coincidia com a classe intelectual descobriu o trabalho de Zuzu. A designer parecia ter uma postura contraditória. Ela circulava na alta-sociedade e tinha como clientes estrelas de Hollywood, como Joan Crawford, que ainda por cima era presidente da Pepsi, representando o odiado

imperialismo americano. Entretanto, nas roupas de protesto fica explícito o engajamento ideológico de Zuzu, sua postura crítica em relação ao momento vivido. Mas esse posicionamento já se demonstrava desde as coleções anteriores, quando buscava caracterizar a identidade brasileira e se manifestava a favor dos movimentos feministas. Ela também esclareceu que tinha conhecimento sobre os movimentos de resistência à ditadura. Quando o desfile da *International Dateline Collection I*, foi apresentado na Bergdorf Goodman, Lisa Curtis disse que Lampião e Maria Bonita representavam:

*“[...] heróis rebeldes brasileiros dos anos 1920. Eles levavam uma vida de violenta de morte e fé (por mais equivocada que fosse) que nos toca profundamente por sua identificação com a luta violenta de tantos jovens de nossos dias.”*⁴

Acreditamos não ser possível dizer que o momento anterior não esteja imbuído de um caráter igualmente ideológico, e isto foi percebido pela elite intelectual, o que a levou a conquistar novas clientes, como Rose Marie Muraro. Além disso, segundo o antropólogo americano James N. Green, o desfile político além de servir para reforçar a oposição à ditadura, também expandiu o conhecimento que o americano tinha sobre o Brasil. Este desfile, entre outras campanhas contra o regime militar, teria colaborado para anexar um novo estereótipo aos anteriormente relacionados pelos americanos. *“Nos anos 1970, o Brasil deixou de ser somente o país das delícias tropicais e passou a ser também a terra de repressão e tortura.”*⁵

Na primeira fase da carreira de Zuzu Angel, quando ela teve a intenção de produzir uma moda brasileira, a maior novidade para o campo foi a aplicação de técnicas artesanais e matérias considerados, até aquele momento, indignos de uma produção de qualidade. O reconhecimento de sua assinatura consagrada no Brasil e no exterior, e também, em parte a própria preocupação com o planejamento e a divulgação de sua identidade visual forte e coerente, fizeram com a elite aceitasse pagar um custo elevado por seus produtos que

⁴ Anexo VIII: Discurso de apresentação da *International Dateline Collection I*.

⁵ GREEN, N. James. *Desfiles de moda e espetáculos na Broadway: representando a oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos nos anos 1970*. In.: 1964-2004: Ditadura militar e resistência no Brasil. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

mesclavam materiais nobres e artesanais. Com relação às modelagens, suas criações não apresentaram grandes novidades. No seu método projetual, notamos que ela se valeu de imagens míticas consideradas representativas da identidade brasileira e transpôs suas características formais para os modelos desenvolvidos.

Posteriormente, com o desaparecimento e assassinato do filho, ficou clara a mudança na metodologia empregada pela designer. Nesse momento de confronto com a realidade cruel, e tendo que driblar a censura, ela inaugurou a moda política. Ela, que até então parecia caminhar em total consonância com a estrutura social, pois produzia para a elite, se vê obrigada a tomar uma posição contrária à ideologia da classe dominante. Sua coleção refletiu sobre o momento político brasileiro e apresentou um repertório cujo significado aparente era de uma moda “inocente”, mas que analisada levando em consideração sua inserção no contexto e a situação por ela vivenciada, é entendida como denúncia ou protesto. Neste momento, o seu engajamento político fica explícito. Mas a sua produção anterior não deixa de ser reflexo de seu posicionamento crítico e consciente em sua época. Suas preocupações consideravam a imagem da mulher, a valorização do trabalho artesanal feminino e a representação da identidade brasileira. Com relação a este último objetivo, ele esteve muito mais presente no segundo momento. O ponto mais importante da trajetória de Zuzu Angel foi ela ter agregado ao mito tradicional do estilista, aquele que se inspira no belo e sublime para conferir elegância e status, a novidade de buscar inspiração na tragédia para produzir elegância.

Bibliografia:

BOURDIEU, Pierre.. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *O costureiro e sua grife: contribuição pra uma teoria da magia*. In.: A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2004.

CIPINIUK, Alberto. *A forma narrativa como forma de composição*. In.: Congresso Internacional de Design da Informação, 2003, Recife.

DIAS, Lucy. *Anos 70: enquanto corria a barca*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

GREEN, N. James. *Desfiles de moda e espetáculos na Broadway: representando a oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos nos anos 1970*. In.: 1964-2004: Ditadura militar e resistência no Brasil. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

VALLI, Virginia. *Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

WOLFF, Janet. *A produção social da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.